



Hermenêutica de profundidade na compreensão sócio-histórica do espaço e da programação das rádios da fronteira sul-mato-grossense de Brasil e Paraguai¹

Lairtes Chaves Rodrigues Filho²

Daniela Cristiane Ota³

Resumo - Este trabalho estabelece elementos de aplicação do método da hermenêutica de profundidade (HP) de John Thompson (2002) durante pesquisa de análise cultural realizada na dissertação de mestrado defendida em abril de 2016. A metodologia foi aplicada a fim de compreender se a programação das rádios da fronteira sul-mato-grossense de Brasil e Paraguai, especificamente nas cidades-gêmeas de Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai), e Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), representavam o multiculturalismo intrínseco à região fronteiriça. Nosso objetivo é fornecer pela descrição da experiência com o método, ferramentas que favoreçam a historiografia da mídia em Mato Grosso do Sul bem como os estudos culturais e suas interfaces midiáticas no espaço da fronteira.

Palavras-chave - Hermenêutica de profundidade, HP, metodologia, fronteira, programação radiofônica.

Introdução

Nesta pesquisa, que traz alguns elementos do trabalho desenvolvido durante o mestrado⁴, o que trazemos de contribuição para o entendimento desses movimentos é o esforço em compreender o multiculturalismo na fronteira do Brasil com Paraguai, nos limites do estado com o departamento de Amambay no país vizinho. A partir de então, investigar se a programação das rádios dessa fronteira representa (e como representa) o multiculturalismo intrínseco ao local.

Como metodologia central dessa pesquisa, para investigar sobre a representação do multiculturalismo nas rádios da fronteira, adotamos a hermenêutica de profundidade (HP) de John Thompson (2002), de modo que a construção dos capítulos da dissertação foi realizada segundo os

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora durante o 3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

² Mestre em Comunicação e jornalista pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Repórter da Rádio Educativa UFMS 99.9. E-mail: lairtesc@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: daniela.ota@ufms.br

⁴ A dissertação “*Mba'éichapa chamigo!* Programação Radiofônica e Multiculturalismo na fronteira sul-mato-grossense de Brasil e Paraguai”, de Lairtes Chaves Rodrigues Filho, orientada por Daniela Ota, foi defendida em 27 de abril de 2016.



momentos/passos pelos quais o método é formado. No caso deste artigo, organizamos uma síntese das informações destes capítulos conforme a aplicação do método para traçarmos os paralelos e a funcionalidade desta para o entendimento da relação da produção radiofônica da fronteira com a formação cultural e sócio histórica da fronteira.

Na hermenêutica de profundidade, Thompson parte do princípio de que todos os fenômenos sociais e que a própria realidade já é naturalmente interpretada pelos sujeitos, a interpretação pré-existe e, portanto, só pode ser descrita ou entendida a partir de uma reinterpretação das formas simbólicas. Para o autor, essa reinterpretação, que permite realizar como produto-fim do método a análise cultural só pode ser desenvolvida sem cair no engano da leitura parcial ou pseudo-crítica, se associada e relacionada diretamente e a partir dos contextos e camadas históricas, sociais e culturais (THOMPSON, 2002).

É preciso analisar considerando a natureza e diversidade das formas simbólicas que estão ligadas à realidade do objeto, primeiramente por uma análise do doxa, etnográfica; depois pela análise sócio-histórica; a partir de então de uma análise formal, que aqui se dará pela criação de categorias, descrição e análise quantitativa pela análise de conteúdo proposta pelo método. Reiteramos que o uso de análise de conteúdo, discurso ou qualquer outro método é entendido apenas como acessória para a HP de Thompson (2002), e não como metodologia principal.

No caso do nosso trabalho, consistiu na sistematização do que seria analisado em categorias e minutagem da programação. Com esses três momentos, a releitura, que relaciona os contextos à forma, se materializa.

1. Primeiro momento do método: interpretação do doxa

A primeira parte do método da hermenêutica de profundidade trata do estudo dos contextos, que será chamado de interpretação do doxa, onde são mapeadas opiniões, crenças, senso comum, a compreensão que as pessoas tem do ambiente social do qual participam, no intuito de se apropriar da pré-interpretação que as pessoas fazem sobre as formas simbólicas que compõem sua realidade. Em outras palavras, compreende um momento etnográfico, no qual se permite entender sobre o sujeito, seu lugar e sua cultura, de maneira mais descritiva e observatória.

É uma interpretação de como o campo de pesquisa se dá, uma explanação geral sobre a rede de significados formada pelas pessoas a partir do que elas percebem e compreendem das formas simbólicas que criam e a que estão sujeitas, sejam elas textos, falas, imagens ou ações de toda ordem. [...] Não levar em conta a importância da interpretação da doxa é desconsiderar a dimensão de que os



fenômenos sociais, antes da chegada do pesquisador ao campo, já são aí interpretados pelas pessoas na dinâmica de sua vida cotidiana (MOTTA, 2014, p. 7).

Para Eliot (1996, p.38), “a cultura é antes de tudo, o que os antropólogos entendem: o modo de vida de um determinado povo, vivendo junto em certo lugar”, discutindo, no entanto, que esta é percebida em níveis diferentes de consciência por pessoas de classes diferentes. Defende a necessidade a participação ativa das pessoas nas atividades culturais, mas não no mesmo nível ou nas mesmas atividades; diferenciando a existência não de uma cultura maior, ou melhor, mas mais consciente e especializada conforme o nível’ do sujeito.

Apesar de a ideia estar ligada a um discurso que tenta ser antiburguês, é nitidamente segregacionista e acaba reproduzindo uma escala de qualidade da cultura por consciência, não desassociando à qualificação socioeconômica. Em outras palavras, acaba por cair no senso de que a cultura popular é menos consciente e de certa forma, menor. As guerras culturais, no sentido de disputa, se dariam, portanto em três frentes: cultura como civilidade, cultura como identidade e cultura como algo comercial. Afirma que houve, portanto, passagem gradual da cultura politizada para a política cultural, o que para Eagleton (2011), seria a ilogicidade de favorecer o conflito pelo egoísmo, e que na, suposta, supervalorização da cultura, “é tempo de coloca-la em seu lugar” [Ele defende que o mercado deve se sobressair para ‘curar’ o drama que a política cultural trouxe ao nosso tempo].

É interessante pensar em disputa e guerra cultural em um espaço que já foi cenário de guerra bélica, nacional. Walter Guedes (2011), geógrafo e pesquisador da ocupação do território sul-mato-grossense, explica que esse espaço passou por diversos conflitos e disputas até chegar à atual conjuntura política, o que claro, vai formar a tessitura das culturas e limites nacionais (e transnacionais).

Tabela 1. Terminologias utilizadas para se referir a Mato Grosso do Sul (1500-2016)

Período	Domínio	Terminologia
1500 a 1617	Colônia Espanhola	Adelantazgo da Província do rio da Prata
1617 a 1750	Colônia Espanhola	Província do Paraguai
1750 a 1822	Colônia Portuguesa	Capitania de Mato Grosso
1822 a 1864	Brasil Império	Província de Mato Grosso
1864 a 1870*	Paraguai República	Departamento do Alto Paraguay
1870 a 1889	Brasil Império	Província de Mato Grosso
1889 a 1977	Brasil República	Estado de Mato Grosso
1977 a 2016	Brasil República	Estado de Mato Grosso do Sul

*Período da guerra. O Paraguai ocupou todo o centro-sul do Estado de Bela Vista, Nioac, Forte Coimbra, Miranda (Corumbá) e Coxim. Fonte: GUEDES, 2011, adaptado pelo autor.



Inicialmente, habitado pelos índios Guarani-Kaiwá e Guarani-Ñhandeva, teve sua população indígena muito enfraquecida pela violência das disputas dos bandeirantes portugueses e espanhóis durante a colonização até o século XVII, o que, de certa forma, favoreceu que outros grupos indígenas: Guató, Kaiapó, Ofaié-Xavante, Paiaguá, Terena e Kadiwéu, chegassem até as terras.

Os bandeirantes que vinham de São Paulo não respeitavam os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas e avançavam para o oeste, estabelecendo contatos com os índios da região. Com a assinatura do Tratado de Madri, em 1750, o Tratado de Tordesilhas foi anulado, prevalecendo, no novo Tratado, a posse da terra a quem nela já estava o que acabou com o domínio dos espanhóis na Província do Paraguai. Mas os constantes conflitos entre portugueses e espanhóis levaram ao cancelamento desse Tratado, em 1761 e, após o confronto em que os espanhóis saíram vitoriosos no Forte de Coimbra, os dois países redefiniram a posse das terras na fronteira Brasil-Paraguai e criaram, em 1777, o Tratado de Santo Idelfonso (GUEDES, 2011, p.3)

Os limites fronteiriços nunca foram muito respeitados, mas objetivava esclarecer até onde cada domínio ia pela presença demarcar o limite os rios Iguaré (atual rio Ivinhema) e Apa (PINTO SOBRINHO, 2009, p. 25-28). Apesar dos tratados, o território era pouco ocupado por brasileiros, em 1864, foi invadido, sem comunicado de guerra, pelo paraguaio General Solano Lopez que ocupou todo o centro-norte do território, dando início a Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança (Argentina, Uruguai e Brasil se unem contra o Paraguai). O Paraguai perde, sobra apenas um terço de toda sua população e cerca de 40% do de seu território vai para os países vencedores.

Com o fim da guerra, a região, principalmente a fronteira ficou desolada. O que reergueu a região foi o início do que ficou conhecido como Ciclo da Erva-Mate. Os índios guarani, poucos trabalhadores rurais paraguaios e brasileiros, e muito gaúchos que migravam até a região no fim da Revolução Farroupilha, chegaram até Ponta Porã e Bela Vista a fim de trabalhar para Cia Matte Larangeira, que exportava para Argentina. Esses fluxos migratórios do sul, com os remanescentes paraguaios e indígenas, e os novos migrantes, principalmente de Minas Gerais e São Paulo, fundaram os povoados que cresceram e atualmente formam o estado. A ideia de cultura como cultivo, defendia que forças regulatórias levariam ao desenvolvimento 'natural' da cultura de determinado Estado-Nação. Se aplicarmos esse pensamento ao espaço da fronteira, encontramos a força do mercado e das relações de troca e econômicas (legais e ilegais) como um elemento dessa força, integradora, desenvolvimentista e igualmente conflituosa nos mais diversos níveis de interesses.

Cabe destacar a questão dessas trocas legais e ilegais, porque historicamente, desde os conflitos, a primeira empresa a se instalar em Pedro Juan Caballero, por exemplo, foi uma importadora. Da mesma forma como a entrada de trabalhadores paraguaios nos ervateiros era por



vezes, ilegais, quase beirando o trabalho escravo. O mesmo cultivo, em relação às disputas e mesclas culturais de Brasil e Paraguai nos remete ao ciclo da erva-mate em Mato Grosso (antes da divisão de 1977), quando os paraguaios eram ‘importados’, contratados para trabalhar nos ervais que décadas atrás eram cultivadas pelas suas famílias e parentes quanto os territórios ainda pertenciam ao Paraguai no pré-guerra.

O território é destituído, mas o espaço da cultura é vivo, móvel e não delimitado por linhas imaginárias nacionais, mesmo quando impostas com força bélica. A presença e resistência dessa cultura mateira, do chaco, pantaneira e paraguaia marcaram elementos na alimentação, vestimenta, música e língua do que hoje pesquisadores inferem como uma cultura sul-mato-grossense (GUEDES, 2011; SEREJO, 1986; DA COSTA, 2014; BANDUCCI JR., 2011; HIGA, 2011); e o local de encontro e choque dessa cultura paraguaia e brasileiro-paraguaia ganha seu epicentro na fronteira binacional.

Como repetiremos e explicaremos no desenvolvimento deste trabalho, a fronteira é o lugar do outro, e nesta perspectiva, precisamos falar de cultura, ainda que tautologicamente, no âmbito dos modos de ser, praticar e participar do espaço, tempo e língua. Precisamos entender a cultura, o conceito, suas políticas e suas manifestações no espaço de fronteira no âmbito das identidades.

2. Segundo momento: Análise sócio-histórica

A segunda etapa da hermenêutica de profundidade consiste na análise sócio-histórica, para realizar a contextualização social das formas simbólicas, a ancoragem do tempo-espaço (e do desenvolvimento desse tempo-espaço), sem a qual as coisas não fazem sentido. Resgatamos, primeiramente, a formação do território de Mato Grosso do Sul, que já foi colônia de Espanha, de Portugal, província do Brasil Império, território paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança de 1872. O estado tem influência e raízes na cultura do país vizinho, com o fortalecimento da região no pós-guerra pela ocupação de migrantes gaúchos e mineiros, e de índios guaranis, na lida com a erva-mate e fazendas.

Exemplo disso, vemos nos elementos que formam a identidade cultural do estado: a música representada na polca paraguaia, no chamamé e nas guarânias; a comida nos ícones da chipa, do tereré, dos bolos fritos, da sopa paraguaia, do vori-vori; as gírias e o uso de frases em língua guarani “jahá kaarú”, como elemento permanente, principalmente no interior e na região de fronteira; todas essas formas e ressonâncias consolidam o espectro da influência e do papel da cultura paraguaia na estruturação das identidades sul-mato-grossenses.



Elencamos alguns aspectos, começando com a análise do doxa com as definições, conceitos, políticas de identidade, comunidade e cultura. Apresentamos nessa etapa a formação do corpus de análise da fronteira Brasil-Paraguai, com história das fronteiras de Bela Vista e Bella Vista Norte, e Ponta Porã e Pedro Juan Caballero; discutindo o que é a fronteira na perspectiva da escala geográfica e cartográfica, e como o recorte metodológico de análise do objeto transita por elas, sendo a fronteira considerada multiescalar.

Iniciamos a discussão acerca dos dados coletados na pesquisa, que trabalha e tem por centro, as divisas de Mato Grosso do Sul com o Departamento de Amambay (Paraguai), nas cidades de Bela Vista e Bella Vista Norte, e Ponta Porã e Pedro Juan Caballero; identificando as principais características geográficas, históricas e quais rádios estão presentes em cada uma destas cidades.

2.1 Bela Vista-Bella Vista Norte

No Brasil, a cidade de Bela Vista está localizada no estado de Mato Grosso do Sul, a 349 km da capital do estado Campo Grande. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) o município tem cerca de 24 mil habitantes, e foi fundado em 1900 e elevado a cidade em 1908.

João Carlos Velasquez (2009)⁵, memorialista, relata que a história da região começa em 1531, com as incursões sertanistas pelos portugueses Pero Lopes e Francisco Chaves. “Palco de sangrentos confrontos entre portugueses e castellanos, e, posteriormente, entre brasileiros e paraguaios. O tratado de Santo Idelfonso, assinado em 1777, reconheceu os direitos do Brasil sobre essa região. Restabelecendo como limite o Rio Corrente, atual Rio Apa” (VELASQUEZ, 2009).

O historiador também explica que apesar desse acordo, o Capitão Pedro Juan Caballero, do exército espanhol, cruza o rio em 1801 e instala o Forte São José no território. No ano seguinte foi a vez do exército brasileiro reagir atacar e arrasar com a guarnição sob o comando do tenente Francisco Rodrigues do Prado.

Em 1864 estoura a Guerra do Paraguai e a região se torna palco de sanguinolentos encontros. No dia 21 de abril de 1867, o Coronel Camisão atravessa o Rio Apa, ocupa, no Paraguai, o Fortim Bela Vista e marcha até a Laguna, de onde inicia a épica Retirada, que se constituiu numa das mais belas páginas de nossa história, mas lavadas com sangue de nosso irmão da fronteira. A região que sofrera total esvaziamento, voltou, 5 anos depois, a receber novos moradores. Retornaram os Lopes, sobrinhos do Guia Lopes; os Barbosas, Leite, [...] e tantos outros pioneiros (VELASQUEZ, 2009).

⁵ Disponível em: <<http://www.belavistams.com.br/noticia/2009/02/01/conheca-um-pouco-da-historia-do-municipio-de-bela-vista-ms>>. Acesso em 21 jan 2016.



O repovoamento aconteceu pela necessidade de um ponto de apoio comercial e de comunicação às margens do rio Apa. Esse processo favoreceu uma nova corrente migratória, principalmente do Rio Grande do Sul, que aportaram atraídas pela exploração de erva-mate nativa, “cujo monopólio era mantido pela Companhia Mate Laranjeira, que lhes permitia arrancharem nas terras sob sua jurisdição” (VELASQUEZ, 2009).

Em 1900 o Governo do Estado de Mato Grosso cria o Distrito de Paz de Bela Vista. O município foi criado 1908, mas a sede só foi elevada à cidade em 1918. Do outro lado do Apa, a cidade paraguaia de Bella Vista Norte está localizada no departamento de Amambay a 469 km de Asunción. Segundo a Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC), órgão responsável pelo censo no país, a municipalidade tem 10.267 habitantes e adota oficialmente como língua o guaraní e o espanhol.

Segundo geógrafos paraguaios⁶ sua história começa quando em 1850, a filha de Don Carlos Antonio López pediu uma propriedade na Província Jerez, hoje território de Mato Grosso do Sul (Brasil). Assim, foi fundado em 1851 o povoado de Villa Bella, e desde 1860, com o aumento populacional, o espaço adotou o nome da cidade brasileira vizinha, separada pelo rio Apa e ligadas por uma ponte de 100 metros. Em 1902, ascendeu a categoria de distrito e mudou seu nome para Bella Vista.

Atualmente se usa o nome de Bella Vista Norte, para se diferenciar do distrito de Bella Vista Sur, colônia alemã fundada em 1918 (o que dá às suas línguas oficiais o espanhol, guaraní e alemão) e elevada a distrito em 1959, que pertence ao departamento de Itapúa, fronteira com a Argentina.

2.2 Ponta Porã-Pedro Juan Caballero

Segundo o IBGE (2015)⁷, o município de Ponta Porã tem população estimada em 86.717 habitantes, localizado a 324 km da capital estadual, Campo Grande. Seu nome era inicialmente Punta Porã, para toda a região incluindo Pedro Juan Caballero, que significa em idioma guarani, ponta bonita, justificada pela serra e capões de mata que caracterizavam a geografia da região.

Ponta Porã começou com a formação de um povoado chamando Punta Porã, que surgiu entre os campos de erva-mate que dominavam a região. Até a Guerra do Paraguai, Ponta Porã era apenas uma região deserta no interior do Paraguai, “habitada somente por algumas tribos de índios

⁶ Geografía del Paraguay. Editorial Hispana Paraguay SRL. Primera Edición. 1999.

⁷ Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=500660>>. Acesso em 21 jan 2016.



como os Nhandevas e os Caiuás, descendentes do povo Guarani, além de ser local de parada de carreteiros que faziam o transporte de erva-mate” (IBGE, 2015).

Em 1777 uma expedição militar brasileira chegou a região com o objetivo de explorar o solo, e em 1862, o tenente Antonio João Ribeiro se fixou na cabeceira do Rio Dourados, atual município de Antonio João, onde fundaram a Colônia Militar dos Dourados.

Na Guerra do Paraguai, em 1864, a Colônia foi destruída pelos paraguaios e só com o fim do confronto, em 1872, houve a fixação da região fronteiriça, respeitando os limites firmados pelos convênios da época colonial e reivindicava ao Brasil somente as terras já ocupadas ou exploradas por portugueses e brasileiros, momento em que Ponta Porã passa a ser possessão territorial brasileira. (IBGE, 2015)

Em 1880, uma missão do exército ergue acampamento sob ordens do Comandante Nazareth junto à lagoa do Paraguai, onde hoje é a cidade de Pedro Juan Caballero (Paraguai). Em 1882, Ponta Porã passa a ser a sede da industrialização de erva-mate da Companhia Erva-Mate Laranjeiras, de Tomás Laranjeiras, que exportava o produto para a Argentina. Em 1892 chega a Guarnição da Colônia Militar de Dourados para proteger a região, e com ela, o fluxo de migrantes do Rio Grande do Sul que começam a usar as terras para produção agropecuária. Em 1900 Ponta Porã torna-se distrito de Nioac [hoje, grafada como Nioaque], e em 1912 o distrito é separado e elevado a município.

O território do município em 1914 compreendia três distritos: Ponta Porã, Dourados e Nhuverá. Em 1937, são seis distritos: Ponta Porã, Antonio João, Cabeceira do Apa, Carapé, Lagunita e Paranhos [Dourados se emancipa em 1935]. Em 1946 é criado o distrito de Iguatemi, com terras desmembradas dos distritos de Amambai e Antônio João, e anexado ao município de Ponta Porã. O mesmo Decreto altera a denominação do distrito Patrimônio União para Amambai. E, ainda, cria o distrito de Bocajá, anexando-o ao município de Ponta Porã. A partir de então o território pontaporanense cria e desmembra diversos novo municípios, entre os quais: Douradina, Laguna Caarapã, Aral Moreira e Iguatemi. Atualmente, Ponta Porã tem três distritos: Ponta Porã (sede), Cabeceira do Apa e Sanga Puitã.

Do lado paraguaio, Pedro Juan Caballero tem cerca de 100 mil habitantes e está localizada a 467 km da capital nacional, Asunción, segundo o DGEEC. Seu nome é uma homenagem a um dos líderes da independência paraguaia, homônimo. A cidade começou em torno da lagoa ocupada pelo exército brasileiro em 1880, chamada Lagoa Punta Porá, e anterior a isso, a história é idêntica a da vizinha brasileira, sendo ponto de carreteiros de erva-mate de das comunidades indígenas Nhandeva e Caiuá.



Depois da Guerra da Tríplice Aliança o território foi quase todo passado ao Brasil, e em 1899, próximo à lagoa foi criada a primeira estação de polícia, que marca a fundação da cidade. Neste mesmo ano, Don Jorge Casaccia, dono de grandes extensões de terra, de uma empresa de importação e acionista da “La Industrial Paraguaya” cede ao governo um terreno para fixação da população. A cidade então foi criada oficialmente em 1900, e em 1945 o município se tornou capital da província de Amambay.

3. Terceiro momento: análise formal discursiva

Na compreensão de Thompson (2002), as formas simbólicas, em si mesmas, apresentam estruturas próprias que buscam dizer algo sobre alguma coisa, e é feita em três estruturas: *análise*, separação e definição dos elementos da forma como se mostram. Esse estudo pode utilizar diversos focos de estudo, desde a proposição de categorias para análise de conteúdo ou ainda semiótico, no caso de imagens.

No caso da pesquisa na qual o artigo se baseia, optamos por criar categorias para realizar um estudo do conteúdo formal no que se refere à descrição da programação radiofônica diária, identificando padrões de estruturas, gêneros, temas e de maneira geral, para evidenciar o conteúdo manifesto pelas falas, músicas e formatos sonoros. As categorias, como já dito, quando discutíamos gêneros e formatos radiofônicos, são: musical, informativa, variedades, religiosa e folclórica-multicultural

Na pesquisa do mestrado ainda desenvolvemos uma organização sistemáticas das grades de programação que nos serviu para a análise formal-discursiva; que, reunida aos momentos anteriores, permitiu a fase final do método de Thompson (2002), a reinterpretação da realidade. Reiteramos que neste trabalho, tratamos apenas na descrição do método e os condicionantes históricos e culturais que permitem a análise cultural da programação das rádios de fronteira.

Motta explica que o método é aplicável tanto à análise cultural quanto à análise da ideologia, “onde ambas se referem aos processos de construção de sentidos por meio de formas simbólicas”.

De fato, a análise cultural diz respeito ao estudo das relações entre as formas simbólicas e os contextos sócio-históricos dentro dos quais e através dos quais estas formas simbólicas produzem sentidos. Já a análise da ideologia trata das maneiras como esses sentidos são utilizados para produzir e reproduzir certas relações de poder. (MOTTA, 2014, p.2)



É a partir da multiplicidade e do contraste que se percebe em relação ao que é uma programação multicultural no entendimento da fronteira em relação ao grande centro é que há o reforço da pergunta-problema e da análise que justifica esta pesquisa. Queremos saber se a montagem dos programas na organização midiática diária e os conteúdos propagados representam o cenário multicultural (e portanto se relacionam a uma prática multiculturalista) do espaço da fronteira.

Para tal, foram analisados os conteúdos e organização da programação semanal comum, com padrão de repetição, de segunda à sexta-feira, nas cidades de Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai), e Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), representando dois dos três distritos do departamento de Amambay que fazem fronteira com o estado de Mato Grosso do Sul.

Considerando o grande número de emissoras e de horas de programação de cada uma, optou-se por estabelecer o foco de análise nas emissoras com grade de programação fixa, com locutores e programas mais antigos, de modo que se pudesse concluir que o resultado alcançado no estudo, no tempo presente, também representaria, de certo modo, a percepção cultural, linguística e de conteúdo anteriormente.

De certa forma o recorte representa de maneira proporcional a amostragem de 11 no universo finito das 28 emissoras de rádio das fronteiras Bela Vista-Bella Vista Norte e Ponta Porã-Pedro Juan Caballero (39,28%; com proporcionalidade nos vínculos nacionais e finalidade da emissora, à medida em que se estabeleceu os parâmetros de programação permanente necessários para a pesquisa). Pelos critérios já citados em relação à programação fixa, foram selecionadas 3 em Bela Vista-Bella Vista Norte e 8 em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero.

Depois de recortado o campo, iniciamos a pesquisa quantitativa dos temas e conteúdos nas grades de cada uma das emissoras selecionadas, realizando uma soma objetiva e geral, que chamamos aqui de minutagem, de cada programa e gênero. Também contamos o tempo de participação de cada língua nos programas, a fim de verificar a diversidade linguística representada pelas rádios, e logo, algum entendimento acerca das influências nacionais em música, conteúdo informativo e interação com o ouvinte.

Toda essa contagem somou dentro as quatro emissoras finais, das 6 horas da manhã até às 21 horas da noite, cerca de 15 horas de programação diária analisada por emissora; um corpus total de 60 horas de áudio. Reiteramos que por opção metodológica da pesquisa, foram analisados como semana construída, em dias não necessariamente sequenciais, um programa diário entre segunda e sexta-feira, pela equidade e padronização semanal da grade, de modo que a análise de um dia de programação, representa, obrigatoriamente uma média do que acontece nos quatro dias restantes; ou seja, a proporção de 1:5; representadas por meio da construção das tabelas de programação.



Na fronteira Bela Vista-Bella Vista Norte, foram coletadas e estudadas a programação semanal das emissoras Bela Vista AM 1440 Khz (Brasil), Mariscal López 1480 AM, Alternativa 97,1 FM, Expresso 104,1 FM, Frontera 92,5 FM, Bella Vista FM 101.1, Mercosur FM 96.3, Maria Auxiliadora FM 88,9.

Como já explicitado, organizamos nas emissoras selecionadas as análises das grades de programação. Essas mesmas grades de programação se estabelecem como estratégias de organização historicamente construídas para fixação e reprodução das formas simbólicas, como especializações das instituições midiáticas, bem representadas, por exemplo, nas emissoras comerciais. Esses espelhos de conteúdos midiáticos, ou de formas simbólicas, não estão dissociados do local e dos contextos de realidade no qual os meios de comunicação estão inseridos.

A hermenêutica de profundidade, assim, quando aplicada no estudo dos programas e da organização dos programas radiofônicos, permite reinterpretar por meio da compreensão do doxa etnográfico, histórico-social e discursivo, como as formas simbólicas são potencialmente compreendidas e representadas pelas pessoas por meio da instituição midiática rádio.

É na etapa da análise formal/discursiva, pela qual uniremos as análises já feitas ao estudo sistemático da programação das emissoras. Também é neste momento que a metodologia da pesquisa é descrita. A justificativa da formação do corpus é dada considerando apenas as emissoras comerciais com maior relevância em cada um dos lados da fronteira (relevância entendida como: emissoras mais antigas, com maior audiência, com programação fixa há mais tempo), com todas as opções de pesquisa e a fundamentação teórica do método da HP.

Todas as emissoras das cidades de Bela Vista, Bella Vista Norte, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero são caracterizadas, e as grades de programação das rádios escolhidas para análise formal, de conteúdo, são descritas, a saber: Radio Mburucuya AM, Radio Frontera FM 92,5, Bela Vista AM e Líder FM 104,9.



Resultados e Considerações Finais: Reinterpretação

Captou-se um dia completo da programação de um dia da semana, entre segunda e sexta-feira, de cada emissora pesquisada. Ao todo somaram-se 74 horas de material em programas radiofônicos, cerca de 4.440 minutos de programação de 4 emissoras diferentes nos dois países.

Tabela 2. Semana construída de captação da programação

Cidade	Data de captação
Bela Vista	Segunda-feira, 14 de dezembro de 2015
Bella Vista Norte	Terça-feira, 5 de janeiro de 2016
Ponta Porã	Quarta-feira, 2 de dezembro de 2015
Pedro Juan Caballero	Quinta-feira, 14 de janeiro de 2016

Fonte: Do autor

O movimento de interpretação/reinterpretação na hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 2002) exige uma leitura de toda a construção da programação radiofônica a partir e considerando os contextos sociais e históricos do objeto, no nosso caso, da própria rádio da fronteira Brasil-Paraguai, para identificar as relações das formas simbólicas e seu fluxo no espaço, nunca dissociados, visto que mostram que historicamente a fronteira é um espaço de disputas nacionais, e depois de disputas culturais, ainda hoje existentes representadas na disputa de conteúdos.

Primeiramente precisamos entender o espaço da fronteira como lugar de disputa territorial histórica, desde o período em que Paraguai e o território de Mato Grosso do Sul pertenciam à Espanha, e os bandeirantes portugueses invadiam os limites. Novos tratados internacionais são feitos, em Santo Idelfonso, delimitando o território de Mato Grosso do Sul para Portugal, que se torna província de Mato Grosso do Brasil Império.

Paraguai inicia a Guerra da Tríplice Aliança invadindo e destruindo bases militares em Bela Vista e Dourados. Paraguai perde a guerra e 30% de seu território. A região da fronteira passa a ser repovoada então, com migrantes gaúchos, mineiros. Paraguaio remanescentes e índios guaranis se somam à nova população trabalhando nos campos de erva-mate.

Surge Bela Vista primeiro, depois, de seu território, nasce Ponta Porã, exportando a matéria prima dos ervais e carne para a Argentina. Em Pedro Juan Caballero, o primeiro comércio é uma empresa de importação. Pelo desenvolvimento histórico dos territórios, começamos a formação, quase geológica, e perceber as camadas da cultura fronteiriça no espaço estudado. Dessas disputas, invasões e ocupações em fluxo, a fronteira se torna trilingue, binacional e multicultural em sua



essência. Mesmo a vocação econômica dos produtos importados, mais baratos que os brasileiros, se inicia por um processo histórico em Pedro Juan.

Os conflitos das nacionalidades e dos direitos nacionais (e civis) tão presentes nos séculos XIX e XX, também estão presentes no câmbio para os direitos sociais e humanos no fim do século XX e começo do século XXI. Não se discutem no espaço da fronteira apenas as nacionalidades, mas, hoje, a transnacionalidade histórica e o uso das identidades nacionais conforme os interesses e necessidades dos fronteiriços.

Esses mesmos conflitos do passado, essas mesmas formas simbólicas em disputa, continuam presentes e se manifestam nos processos de comunicação e nas mídias, que a seu modo, visibilizam as tentativas de dominação cultural, agora mais mercadológicas e políticas. Esse processo fica aparente, por exemplo, se consideramos a situação de duas emissoras utilizadas nesta pesquisa: Radio Mburucuya, em Pedro Juan Caballero, e Radio Frontera, em Bella Vista Norte. Ambas são paraguaias, do departamento de Amambay.

A primeira, declaradamente não transmite em português e só toca música brasileira quando polca, chamamé ou quando muito aclamada pelos seus ouvintes, tornando a transmissão da língua nula ou mínima; na missão de evitar ou não incentivar a 'invasão do Brasil' na cultura paraguaia, investindo pesado em programação informativa e folclórica-multicultural, e com comerciais em espanhol de lojas paraguaias, ciente de seu papel enquanto meio de comunicação na região.

A segunda, de posse de brasileiros (políticos), usa da outorga paraguaia para transmitir quase totalmente em português, com espanhol e guarani mínimo, apenas em músicas em um horário de programação específico pela manhã, como se fosse algo separado do resto da grade da emissora. Os programas informativos falam do Brasil, para brasileiros. As músicas são brasileiras ou do pop global. A publicidade é toda feita em português de lojas dos dois lados da fronteira. Trata-se, pois de uma rádio brasileira, que por conveniência está no território paraguaio.

A questão dos interesses e das relações de dominação também se apresentam na programação religiosa, fixa nas emissoras, às vezes de instituições locais às vezes por transmissão em rede. Na cartografia das emissoras da fronteira também é possível identificar grande número de rádios comunitárias e comerciais de posse de instituições religiosas, principalmente no Paraguai, por organizações católicas, com programação confessional. O conflito e a disputa cultural também é evidente quando consideramos que a presença de um programa católico sempre acompanha ou na mesma emissora, ou na emissora da cidade vizinha, um programa protestante, evangélico.



Tabela 3. Minutagem absoluta da programação radiofônica por categoria/dia (horas)

Categoria	Bela Vista	Bella Vista Norte	Ponta Porã	Pedro Juan Caballero	Total
Musical	16h30'	12h	10h	5h	43h30'
Folc. Mult.	2h	1h30'	3h	3h	9h30'
Informativo	5h30'	6h30'	4h30	4h45'	21h15'
Variedades	0	0	0	3h	3h
Comunitário	0	0	0	3h	3h
Religioso	0	0h30'	2h	0	2h30'
Publicidade	5h30'	5h	3h	2h45	16h15'
	22h00'	19h00'	17h00'	16h00'	74h00'

Fonte: Do autor

Em relação à programação, identificamos ao categorizar o conteúdo em gêneros específicos para o que é transmitido na região fronteiriça, que há diversidade nos temas, apesar da organização clássica de mosaico: programas informativos e folclóricos-multiculturais são sempre matutinos, programas de variedades são vespertinos e a noite, e durante os intervalos dos programas, as músicas são sempre o carro-chefe, com exceção da Radio Mburucuya em Pedro Juan Caballero, que estabelece certo equilíbrio por focar em produtos informativos.

A emissora com maior grade publicitária, Bela Vista AM, é também a que transmite por mais tempo e mantém a maior quantidade de horas de programação informativa. Para cada minuto de publicidade há um minuto de material informativo, com diversidade de boletins de drops. Pela mesma emissora podemos fazer relações acerca das dinâmicas de infraestrutura técnica e tecnológica e como estas influenciam no conteúdo das grades de programação. O contraste da fronteira também é o contraste das emissoras brasileiras que investem na digitalização de seus equipamentos (como o estúdio da Bela Vista AM) enquanto as rádios paraguaias operam com os mesmos materiais há anos (como o estúdio da Mburucuya AM, que mantém os mesmos equipamentos com algumas adaptações desde sua fundação).

Ao mesmo tempo, verificamos que o investimento em tecnologia, ao menos nas emissoras estudadas, também se relaciona à influência do capital em relação ao que a rádio transmite. Aparentemente, quanto mais tecnológica se torna a emissora, mais atuante da rede, e melhor acoplada a um modelo de mercado de rede de comunicação, mas distante ela fica de sua função e de sua relação com a comunidade, como se a digitalização e capitalização da rádio de fronteira dissocia-se a emissoras das formas simbólicas da fronteira. As formas simbólicas, principalmente relacionadas aos produtos culturais sonoros, os programas radiofônicos, representam de modo observável (e audível) a natureza das relações sociais a partir da comunicação e dos bens culturais; deixando marcado,



sobremaneira no uso das línguas, que os códigos ainda se dão sob a perspectiva nas identidades mononacionais.

Tabela 4. Minutagem absoluta da programação radiofônica por idioma/dia

Idioma	Bela Vista	Bella Vista Norte	Ponta Porã	Pedro J. Caballero	Total
Português	16h05'	17h30'	11h25'	0	45h00'
Espanhol	3h15'	1h00'	3h15'	12h00'	19h30'
Guarani	2h30'	0h30'	2h30'	4h00'	9h30'
Inglês	0	0	0	0	0
	22h00'	19h00'	17h00'	16h00'	74h00'

Fonte: Do autor

A transmissão dos conteúdos em português ou espanhol em rádios brasileiras e paraguaias na região de fronteira são conflituosas e remetem nos relatos dos próprios radialistas e diretores de programação à 'invasões culturais', com exceção da participação da língua guarani.

O guarani é entendido como marca de ruptura das diferenças nacionais e elo mais forte da identidade linguística multicultural da fronteira, talvez como elemento remanescente e folclórico da resistência do espaço guarani nos históricos processos de colonização e disputa. Há, sobremaneira a predominância da transmissão em português, principalmente nas músicas. Isto pode estar relacionado à migração de brasileiros que cruzam a fronteira e se fixam em solo paraguaio para estudar medicina e outros cursos da saúde (são mais baratos, sem vestibular, faltando a revalidação para atuar no Brasil após a conclusão).

Ora a ocupação do espaço por jovens, fãs em sua maioria do gênero musical do sertanejo universitário, muito popular em Mato Grosso do Sul e Paraná [que fazem fronteira com Paraguai], certamente traz novas formas simbólicas para o espaço, mais uma vez reforçando as disputas territoriais, culturais e de conteúdo na fronteira. A programação das rádios de fronteira representa a disputa e as negociações do multiculturalismo intrínsecos à fronteira do Brasil com Paraguai, inclusive nas relações de dominação e resistência cultural e política. A partir dela, também é possível enxergar que a ausência de políticas culturais na comunicação reflete na preocupação das invasões culturais nos conteúdos informativos, da propriedade e gerência de meios de comunicação de massa, da hegemonia de músicas em determinada língua, e do uso da língua em si, muitas vezes não garantindo o mínimo de representação da cultura local, mas o uso desta pela conveniência (YÚDICE, 2004).

Sabemos então, que existe o fenômeno do multiculturalismo no espaço fronteiriço e no espaço da fronteira representado pelos meios de comunicação da fronteira, neste acaso as rádios. Entendemos que a dimensão do conflito é latente porém representativa, constante. Cabe refletir e verificar se as políticas internacionais, nacionais, locais (multiescalares) de cultura, comunicação e



direitos humanos, se apresentam no cenário pós-moderno como minimamente suficientes para realizar a integração latino-americana tão discursada e sonhada pelos governos, organizada e desenhada depois dos acordos internacionais bilaterais e internacionais nos blocos econômicos do Mercosul e da Unasul. A integração econômica e a regulação fiscal das aduanas, o controle militar das fronteiras nacionais, não são suficientes ou eficazes quando desconsideram que as fronteiras culturais e midiáticas interpolam limites, compõem influências e tecem disputas de conteúdo e mercados.

As políticas de comunicação podem favorecer o florescer do multiculturalismo como política cultural de maneira positiva, trazendo materialidade ao direito humano de participar de sua própria cultura e espaço, minimizando o cenário de exploração das legalidades em detrimento dos espaços nos quais as emissoras se fixam, regulando, por exemplo, a necessidade de manutenção da produção local quando há interesse comercial de redes e grupos de comunicação em espaços locais e fronteiriços.

Referências Bibliográficas

BANDUCCI JUNIOR, A. **Turismo e fronteira**: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai. In: Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. v. 9(3), 2011, p. 7-18.

DA COSTA, G. V. **Etnografia da fronteira Brasil-Bolívia, em Corumbá-MS**: Por uma antropologia nas fronteiras. Unbral Fronteiras. 2014. Disponível em . Acesso em 26 jan. 2015.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

ELIOT, T.S. **Notas para uma definição de cultura**. Lisboa: Século XXI, 1996.

GUEDES, W. **Controle e domínio territorial no sul do estado de Mato Grosso**: uma análise da atuação da Cia Matte Larangeira no período de 1883 à 1937. Revista AGRÁRIA. São Paulo, No. 15, pp. 102-125. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/agraria/article/viewFile/79014/83087> >. Acesso em 22 jan 2016.

HIGA, E. **A assimilação dos gêneros polca paraguaia, guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais**. Associação Internacional para Estudo da Música Popular. [s.l.]: IASPM, 2011. Disponível em: < <http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2012/01/EvandroHiga.pdf> > . Acesso em 04 jul 2014.

MOTTA, D. **A hermenêutica de profundidade como instrumental de pesquisa qualitativa em ciências sociais**: uma introdução. In: ACTA do VIII Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia. APS: Évora, 2014. Disponível em: . Acesso em 06 jan 2016.

PINTO SOBRINHO, A. **Amambai**: Memórias e histórias de nossa gente. São Paulo: Pedro & João editores, 2009.



SEREJO, H.; et. al. (Orgs.). **Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul (1883– 1947)**. Campo Grande: Instituto Euvaldo Lodi, 1986.

THOMPSON, J. **Ideología y cultura moderna**: Teoría Crítica Social en la era de la comunicación de masas. Tradução de Gilda Caviedes. 1ª reimp 2ª ed. Universidad Autónoma Metropolitana: Coyacán, 2002. Disponível em: . Acesso em 06 jan 2016.

VELASQUEZ, J. **Conheça um pouco da história do município de Bela Vista MS**. Portal Bela Vista MS. 01 fev 2009. Disponível em: < <http://www.belavistams.com.br/noticia/2009/02/01/conheca-um-pouco-dahistoria-do-municipio-de-bela-vista-ms>> . Acesso em 13 jan 2016.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.